

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO DO ENSINO TECNOLÓGICO

Reflections on the role of the English language in the context of technological education

Talita Annunciato RODRIGUES (Faculdade de Tecnologia, Indaiatuba, Brasil)

RESUMO: *Baseado no conceito de papel ativo da linguagem, desenvolvido pelo filósofo Adam Schaff em sua obra *Linguagem e Conhecimento* (1974), o objetivo deste artigo é refletir sobre como o papel social da língua inglesa pode contribuir para o desenvolvimento de competências dos futuros profissionais. Para que a realização deste trabalho fosse possível, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema, a fim de comprovar a hipótese levantada. A conclusão é a de que o aprendizado da língua estrangeira no ensino tecnológico, mais especificamente da língua inglesa, não apenas contribui para a formação dos futuros profissionais, mas também para seu desenvolvimento enquanto cidadãos, fornecendo-lhes ferramentas para a compreensão e o questionamento das diversas realidades nas quais estão inseridos.*

PALAVRAS-CHAVE: Língua inglesa; Ensino tecnológico; linguagem.

ABSTRACT: *Based on the concept of the active role of language, developed by the philosopher Adam Schaff in his work *Language and Knowledge* (1974), the objective of this article is to reflect on how the social role of the English language can contribute to the development of the skills of future professionals. In order to make this work possible, we developed a bibliographical research on the subject, in order to prove the hypothesis raised. The conclusion is that the learning of the foreign language in technological teaching, more specifically the English language, not only contributes to the training of future professionals, but also to their development as citizens, providing them tools for understanding and questioning the different realities in which they are inserted.*

KEYWORDS: English language; Technological education; language.

Introdução

Nos dias de hoje, é inegável a importância da língua inglesa no contexto do ensino tecnológico. Compreender o idioma pode ampliar o conhecimento a respeito do mundo, uma vez que permite o acesso às formas como são discutidas questões sociais no âmbito global. Nesse sentido, o domínio do idioma estrangeiro ultrapassa as formas gramaticais e as fronteiras da sala de aula, pois além de permitir o contato com outras culturas, possibilita aos alunos a comparação entre problemas específicos que ocorrem no próprio país, visando capacitá-los para o exercício da cidadania a partir de uma visão crítica das particularidades de sua própria língua. Com isso, promove-se um elemento que, conforme formula o teórico Adam Schaff em sua obra *Linguagem e Conhecimento* (1974), é considerado de extrema importância e que melhor caracteriza o papel ativo da linguagem no conhecimento: a possibilidade de questionamento (e,

consequentemente, o estudo e a compreensão) da realidade em que vivem.

Considerados tais aspectos, o objetivo deste artigo é refletir sobre como o papel social da língua inglesa pode contribuir para o desenvolvimento de competências dos futuros profissionais. Para que a realização deste trabalho fosse possível, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema, a fim de comprovar a hipótese levantada. A conclusão foi a de que o aprendizado da língua estrangeira no ensino tecnológico, mais especificamente da língua inglesa, não apenas contribui para a formação desses profissionais, mas também para seu desenvolvimento enquanto cidadãos, fornecendo-lhes ferramentas para a compreensão e o questionamento das diversas realidades nas quais estão inseridos.

1. O contexto da língua estrangeira no ensino tecnológico

Em um cenário de globalização, nota-se cada vez mais o diálogo e a integração entre diversos países, necessários para o desenvolvimento econômico, financeiro e comercial das nações, possibilitando o fluxo de informações. A coexistência entre diferentes culturas e línguas reflete, portanto, a realidade do mercado internacional, que se encontra cada vez mais exigente e seletivo.

Diante de tais circunstâncias, o domínio do idioma estrangeiro tornou-se imprescindível para a inclusão do futuro profissional no mercado de trabalho atual na medida em que não apenas contribui para sua formação, mas também para seu desenvolvimento enquanto cidadão, fornecendo-lhe ferramentas para melhor compreender e atuar na realidade na qual está inserido.

No âmbito da LDB, as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas, muitas vezes e de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante, elas adquirem, agora, a configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. Assim, integradas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de serem parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, consequentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado. (BRASIL, 2000. p. 25).

Integrada aos Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, documento elaborado pela Secretaria de Educação Média e

Tecnológica¹, a língua estrangeira tem seu devido reconhecimento como instrumento elementar para a formação do indivíduo. Segundo Almeida Filho (2008, p.1), para se integrar com as novas características da sociedade do conhecimento, é preciso ter acesso ao conhecimento já disponível.

Nesse aspecto, as línguas desempenham um papel crucial. Isso representa uma grande demanda e ela depende, por conseguinte, de uma competência de língua que é vital para fazer crescer a base de conhecimentos e para dar acesso a eles:

Para fazer circular o conhecimento e para circular no mundo da comunicação via novas tecnologias em busca do conhecimento, precisa-se de outras línguas geradoras de conhecimento crucial para as novas necessidades e que permitem o acesso imediato a essa produção fora da língua materna (ALMEIDA FILHO, 2008, pág. 1).

Foi essa urgência no acesso ao conhecimento que era produzido e que circulava em outros países que impulsionou o ensino da língua estrangeira, mais especificamente da língua inglesa, no contexto do ensino tecnológico no Brasil, como aponta Almeida Filho (2008, p.2). Nesse sentido, o inglês foi considerado como a língua de comunicação internacional.

Os procedimentos do Ensino Instrumental de Línguas ou Inglês Instrumental, como ficou registrado o nome desse movimento no ensino brasileiro, atendiam a essa demanda no final da década de 70². A versão de ensino instrumental que prevaleceu no país a partir daí foi a de restrição de conteúdo temático das áreas de formação profissional, foco sistemático nas estratégias de leitura do texto-do-dia, alguma gramática e o trabalho com vocabulário, bem como a instrução veiculada na língua materna dos alunos, o Português (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 2). Assim, ao atingir um âmbito nacional de maior amplitude, a prática instrumental com foco na leitura era enfatizada em detrimento das demais habilidades, em virtude de necessidades específicas. Tornou-se evidente a procura pela oferta de cursos de inglês especializados, ou Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes* - ESP, em inglês), conforme apontam os estudos realizados por Celani et al. (1988).

Tal noção, todavia, vem de encontro com as necessidades observadas nos contextos do ensino, principalmente aqueles desenvolvidos na contemporaneidade. No caso das instituições tecnológicas em especial, tais como os Institutos Federais (IFs) e as Faculdades de Tecnologia

¹ Documento disponível em: : http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf.

² O Ensino Instrumental de Línguas está associado às siglas ESP/ELFE/LINFE.

(FATECs), nas quais a formação tecnológica é mais consciente, visível e focalizada, o ensino de línguas precisa ser melhor compreendido a fim de alcançar os níveis de satisfação buscados por dirigentes, professores e pelos próprios estudantes. Assim, como pontua Almeida Filho (2008), verifica-se como necessário reconhecer a urgência do empreendimento, que é entender o lugar das línguas, da formação tecnológica específica além da formação globalista regular, também afetada pela condição de vida na sociedade tecnológica do conhecimento.

Para o autor, o ensino com fins específicos, a instrumentalização do processo mediante escolhas temáticas ou de conteúdos das disciplinas do próprio currículo com humanização dos excessos são, certamente, posições de abordagem possíveis quando a língua-alvo é representada como ação social entre pessoas reais estudando língua enquanto aprendem tecnologia ou suas manifestações na vida contemporânea. Nesse posicionamento, torna-se visível, na perspectiva do ensinar uma dada língua em contexto de educação tecnológica propriamente dita, que não se busca a ênfase na pura prática ou exercitação da língua-alvo, típicas do estruturalismo na vertente áudio-lingual atualizada nos materiais e métodos de ensino nas escolas.

A escolha temática de estudo de questões tecnológicas forma um pano de fundo para a instauração do uso crescentemente mais natural nas salas e acessos à rede na língua-alvo desejada. O que se espera nesse sentido é uma competência de uso dessa língua obtida através de um processo que é sensível à tecnologia e ao conhecimento que se reconstrói ou até mesmo se produz em condições favoráveis à pesquisa.

Em decorrência da concepção acerca do papel da educação técnica, ampliando-se para o campo da educação tecnológica, ou seja, a de um ensino voltado para a prática, o ensino da língua estrangeira também se caracterizou pelo caráter mais pragmático, conforme afirma Almeida Filho (2008, pág. 4):

instrumentar o aprendiz do contexto técnico para lidar com a nova língua em situações concretas do desempenho no trabalho com diálogos situados no mundo das máquinas e uma prática gramatical que ilustrasse o funcionamento sistêmico dessa língua. Estamos nos referindo a aprender língua para um dia ler manuais sobre o funcionamento de equipamentos, por exemplo, ou de decifrar mecanismos e estruturas de máquinas no chão da fábrica.

Atividades como a leitura de manuais e a compreensão de mecanismos e estruturas de máquinas, como mencionadas na passagem acima, se configuram como importantes e extremamente necessárias no dia a dia dos profissionais de diversas áreas, no entanto, também

evidenciam as limitações das funções e usos da língua na medida em que se restringem a uma prática instruída de acordo com a centralidade na forma da língua, ilustrada pelo texto curto de extração técnica.

O ensino de línguas em contextos tecnológicos pode perfeitamente buscar ser comunicacional, favorecendo a abertura estratégica para pensar enquanto se aprendem conteúdos relevantes e enquanto se expande a compreensão cultural geral e tecnológica (ALMEIDA FILHO, 2008, pág. 7), conforme já explicitado por Almeida Filho. Essa providência fornece oportunidades para se fortalecer através do ensino de línguas o pensamento abstrato por parte dos tecnólogos. Ela ainda permite fugir da limitação do só saber descrever fatos gramaticais da própria língua que está posta para aprendizagem e afasta um fazer sem pensar no que ele implica.

É nesse sentido que se verifica como possível estabelecer a relação entre o contexto da língua estrangeira no ensino tecnológico e a teoria de Adam Schaff (1974) sobre o papel ativo da linguagem, exposto a seguir.

2. O papel ativo da linguagem

Na obra *Linguagem e Conhecimento* (1974, p. 209), o filósofo marxista Adam Schaff discorre sobre a concepção do papel ativo da linguagem na atividade intelectual do homem, afirmando a relação entre as dimensões do pensamento, conhecimento e suas funções e significações na cultura.

Para o autor, o pensamento e a utilização da linguagem constituem, nos processos de conhecimento e da comunicação, dois elementos indissociáveis de uma unidade. Desse modo, o pensamento e a utilização da linguagem devem ser captados como dois aspectos de um único processo: o processo de conhecimento do mundo pelo homem, da reflexão sobre o conhecimento e da comunicação dos seus resultados a outros indivíduos (SCHAFF, 1974, p.209).

A linguagem, nesse contexto, é considerada como pensamento em potencial, e tal pensamento vai operar em determinada língua. Como consequência dessa perspectiva, a linguagem vai influenciar o modo de percepção da realidade, uma vez que cada língua contém em si uma visão do mundo definida, um esquema ou um estereótipo: a linguagem, que é um reflexo específico da realidade, é também, em certo sentido, a criadora da nossa imagem de mundo. Para Schaff (1974, 255), “No sentido em que nossa articulação do mundo é pelo menos,

em certa medida, a função da experiência, não só individual, mas também social, transmitida ao indivíduo pela educação e, antes de tudo pela linguagem”.

Assim, atuando enquanto mediadora das esferas social e individual, a linguagem influencia o conhecimento humano e nele assume um papel ativo, possibilitando questionar a realidade e, portanto, de estudá-la e compreendê-la: “Ora, é por esse procedimento (perguntas-respostas) que a linguagem influencia activamente a possibilidade do estudo da realidade e, portanto, o seu conhecimento” (SCHAFF, 1974, p.257).

Ao considerar que a linguagem possui, portanto, um papel ativo no conhecimento, Schaff (1974) refuta a tese da existência de línguas. O teórico afirma que todas as línguas são traduzíveis, ainda que essa operação possa ser, por vezes, muito árdua.

Os homens podem exprimir os mesmo conteúdos de modos diversos, podem - em função do seu meio-ambiente - senti-los sob a forma de imagens diferentes, podem ainda - em função das condições que lhes são impostas pela luta biológica - concentrar a sua atenção em coisas e fenômenos diferentes, classificar diferentemente os fragmentos da realidade objectiva, etc, etc. Mas, no seus contornos gerais, a sua imagem da realidade será a mesma, e, por consequência, no processo do conhecimento dessa realidade, todos os homens - seja qual for a língua em que pensem - serão capazes de desenvolver actividades adaptadas ao mundo exterior (SCHAFF, 1974, p.259, 260).

A tradução estaria, dessa forma, ligada às condições comuns em diferentes comunidades linguísticas, como os conceitos universais e a concepção da língua como um processo dinâmico, o seja, ao falar que as línguas são traduzíveis, o autor considera que suas estruturas não são imutáveis, na medida em que são passíveis de modificações constantes. Essas mudanças podem ser atribuídas a diversas causas, dentre elas, o contato com outras culturas.

Por fim, o filósofo discorre a respeito da influência da linguagem sobre o estado e o desenvolvimento da cultura. Schaff (1974, p.265) alega que a psicologia social, a sociologia e as outras ciências que se consagram ao comportamento social dos homens, puseram de manifesto o papel dos estereótipos nas atitudes e nas atividades humanas. A educação (que é sempre uma educação social concreta, em um meio-ambiente determinado e um grupo social determinado) não apenas transmite, mas permite ao indivíduo construir o saber social acumulado sob a forma da linguagem na sua unidade com o pensamento, assim como sob a forma dos sistemas e valores e, por consequência, dos estereótipos dos comportamentos humanos que merecem ser qualificados de exemplares.

Com isso, a forma mais sublimada da linguagem, que se manifesta quando a sociedade transmite ao indivíduo, por meio da linguagem, certos tipos de comportamentos, que vão agir sobre a consciência e tomados na maior parte dos casos como naturais.

Tomemos, por exemplo, uma sociedade em que, por estas ou aquelas razões, reinam preconceitos, aversões religiosas, sociais, raciais, nacionalistas, etc. Uma criança educada nesse espírito, aceita estereótipos de comportamento como se fossem os seus e naturais. Na maior parte dos casos, estão estes ligados à linguagem, a um nome definido que fixa o conteúdo 'rico' dos preconceitos, das aversões, das hostilidades ou - pelo contrário - dos sentimentos positivos; não sendo essa palavra de modo algum exterior em relação às atitudes e aos comportamentos humanos, mas resultando seu elemento adequado (da mesma maneira que não é exterior em relação aos conteúdos definidos que lhes são referidos) (SCHAFF, 1974, p.266).

Partindo-se da visão que captamos sempre um mundo (social, em particular) sob um ângulo de visão concreto, determinado pelos interesses de um dado grupo social, Schaff aponta que se pode ampliar essa aproximação introduzindo o ângulo de visão determinado pelo papel da linguagem no conhecimento e no desenvolvimento da cultura. Nesse contexto, o problema do condicionamento social refere-se não só ao conhecimento em geral, ao conhecimento científico em particular, mas também às atitudes humanas e aos seus estereótipos de comportamento. Para o teórico, é precisamente neste domínio que o papel ativo da linguagem é particularmente importante. Sua concepção é a de que a linguagem é não só um dos elementos, mas também um dos co-criadores da cultura.

Atuando, portanto, como ferramenta para questionar a realidade ao redor e como elemento-chave na criação da cultura, a linguagem adquire papel fundamental na teoria de Schaff. Arelada aos processos de conhecimento e de comunicação, ela vai influenciar o modo de percepção da realidade, fazendo com que o indivíduo assuma um papel ativo em tal processo.

Aproximando tais noções para o contexto do ensino da língua estrangeira no ensino tecnológico, mais especificamente da língua inglesa, retoma-se a visão de Almeida Filho (2008), de que uma abordagem que se limita a descrever as estruturas gramaticais de uma língua afasta um fazer sem pensar nas implicações do mesmo. Já uma abordagem que favoreça a abertura estratégica para pensar enquanto se aprendem conteúdos relevantes e enquanto se expande a compreensão cultural geral e tecnológica (ALMEIDA FILHO, 2008, pág. 7), ou seja, que se pautar na competência do uso dessa língua por meio da comunicação, parece configurar uma opção viável para a formação dos futuros profissionais, bem como para seu

desenvolvimento enquanto cidadãos.

3. Estudo de caso: um exemplo na prática

Desse modo, o uso crescente da língua-alvo na sala de aula em situações de comunicação entre os agentes presentes implica, por um lado, na consideração dos mesmos como atores sociais reais, capazes de usar a linguagem em seu papel ativo. Implica, de outro lado, a reconfiguração da metodologia de ensino tradicional, repensando suas estruturas e adequando os objetivos propostos com base em um novo planejamento, focado em temas e projetos específicos.

Diante de tais aspectos, Almeida Filho (2008, p.7) afirma que para fazer emergir um envolvimento produtivo e motivado, os materiais novos não precisarão ser necessariamente criados sob medida: “materiais semi-prontos funcionarão como esqueletos a serem completados por professores e alunos em ajustes cruciais a contextos elegidos como preferíveis” (ALMEIDA FILHO, 2008, pág. 7).

Baseado em tal preceito, o presente artigo buscou a proposição de uma adaptação de um exercício presente no material didático adotado pela Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba para o curso de Tecnologia em Comércio Exterior, dentre outros cursos, tendo em vista o conceito de papel ativo da linguagem, conforme discutido anteriormente.

O exercício em questão é um *Case Study*, presente no material didático *Market Leader Pre-Intermediate*³. De forma breve, apresenta-se o estudo de caso intitulado *Taka Shimizu Cycles*, no qual explora-se a questão de um negócio em expansão – uma empresa de bicicletas – a qual busca iniciar seu processo de produção fora de seu país sede, Japão.

Para propor as tarefas, o exercício apresenta o contexto no qual está inserida a empresa por meio do tópico *Background*, informando os diferentes tipos de produtos produzidos pelo negócio (os diferentes tipos de bicicletas), as peças que são importadas e a forma como será desenvolvida a gestão (por exemplo, a fábrica terá aproximadamente 2.000 trabalhadores, que serão recrutados localmente e treinados). Apresenta também o rendimento dos últimos anos e o perfil dos países que potencialmente podem ser os locais do novo investimento. A proposta é que os alunos analisem os dados da empresa e das opções oferecidas como possíveis locais para

³ O estudo de caso está localizado ao final da unidade 7, *New Business*, nas páginas 72 e 73.

investimento (dois países da Europa e dois da Ásia⁴) e discutam as vantagens e desvantagens de cada caso. Após a análise, realizada por uma discussão em grupo, eles também devem auxiliar na decisão da empresa, atuando como uma espécie de consultores.

A prática se mostra interessante na medida em que claramente extrapola as funções gramaticais. A língua aqui age como uma ferramenta servindo como veículo para expressão das ideias e não como fim por si só. Os alunos mobilizam em uma tarefa diversas habilidades: em um primeiro momento, a leitura (com a análise dos dados da empresa, leitura dos gráficos informacionais e dos dados dos locais a serem analisados), em um segundo momento, a oralidade (pois devem discutir qual a melhor opção dentre as apresentadas e justificar os motivos da escolha para os outros grupos). Posteriormente, a escrita também é exigida uma vez que após a tomada de decisão, o grupo deve apresentar, via *e-mail* sua posição a respeito do tema para o *Head of the Chamber of Commerce*, que nesse caso pode ser o próprio professor.

Nesse sentido, o exercício parece estar em consonância com o desenvolvimento das competências exigidas para a atuação profissional na área. Perrenoud (2001) trata a competência como a capacidade de o sujeito mobilizar um conjunto de recursos cognitivos, ou seja, saberes, capacidades, informações, para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações dentro dos diversos contextos de convivência humana, sejam culturais, profissionais ou sociais. Desse modo, o que se espera de um bom profissional não é apenas seu conhecimento teórico e técnico sobre determinado assunto, mas sim que esse demonstre competência, ou seja, que saiba aplicar seus conhecimentos em situações da vida real (Le BOTERF, 2003). Ao propor uma discussão para a tomada de decisão que vai contribuir para a empresa fictícia em questão, cria-se um contexto no qual é promovida, por meio da linguagem, a troca de ideias, de diferentes perspectivas e até mesmo de experiências prévias em situações de trabalho.

Até o momento, nada de novo. As vantagens apontadas, e mesmo as desvantagens já vivenciadas em decorrência da tarefa acima descrita não se configuram como novidade. No entanto, uma questão retorna: como a linguagem pode contribuir para o questionamento e, conseqüentemente, o estudo e a compreensão da realidade em que se vive?

Obviamente que os contextos trazidos pelos materiais didáticos adotados pelas instituições de ensino abordam diferentes realidades das várias encontradas no território brasileiro, assunto este que extrapolaria as dimensões desta discussão. Retomando a afirmação

⁴ O exercício não explicita quais países são considerados, tratando-os como “Country A (Europe)”, “Country B (Europe)”, “Country C (Asia)”, Country D (Asia)”.

de Almeida Filho (2008, pág. 7), de que “materiais semi-prontos funcionarão como esqueletos a serem completados por professores e alunos em ajustes cruciais a contextos elegidos como preferíveis”, sugerem-se algumas proposições para que o exercício abarque uma realidade diversa daquela apresentada a princípio.

Utilizando-se do argumento inicial, os alunos podem ampliar a discussão analisando se o seu país, ou mesmo a cidade na qual eles vivem, se enquadraria como um local viável para a implantação da nova filial, realizando um levantamento de dados reais de acordo com as condições estabelecidas no exercício. Em se tratando de um curso de Tecnologia em Comércio Exterior, os alunos podem trabalhar com os conhecimentos abordados ao longo do curso, identificando os melhores meios de realizar a distribuição internacional dos produtos e otimizar os recursos financeiros e humanos utilizados ao longo do processo. A comparação de elementos, tais como infraestrutura, meios de transporte, taxas e questões de caráter político e social entre países também podem fazer parte da análise, contextualizando a discussão. Ao final da tarefa, os alunos podem refletir se o país ou a cidade na qual vivem é uma opção viável para o negócio, pontuando os motivos da escolha. Uma vez identificados os problemas locais, a ação se dará como forma de elaboração de proposta para melhorias, posteriormente encaminhada às autoridades locais.

Tal ação se daria em duas vias: os alunos teriam que mobilizar os conhecimentos específicos da área, mas também os da língua, uma vez que vão utilizar dela para estabelecer o contato e expor os argumentos. O papel do professor então é mediar a situação comunicativa, oferecendo o suporte linguístico necessário. Ao personalizar o assunto, aproximando a tarefa da realidade na qual estão inseridos, o nível de engajamento dos alunos tende a aumentar, tornando a atividade mais significativa para eles. A língua aqui se torna uma ferramenta para a compreensão e o questionamento dessa realidade, contribuindo, portanto, para o desenvolvimento dos alunos tanto no âmbito profissional quanto no social, na medida em que lhes permite exercer seu papel de cidadãos.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi refletir sobre como o papel social da língua inglesa pode contribuir para o desenvolvimento dos futuros profissionais. Para que a realização deste trabalho fosse possível, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema, a fim de comprovar a hipótese levantada. A conclusão foi a de que o aprendizado da língua estrangeira

no ensino tecnológico, mais especificamente da língua inglesa, não apenas contribui para a formação desses profissionais, mas também para seu desenvolvimento enquanto cidadãos, fornecendo-lhes ferramentas para a compreensão e o questionamento das diversas realidades nas quais estão inseridos.

Referências

ALMEIDA FILHO, J.C.P. Aprendizagem e Ensino de Línguas em Contextos Tecnológicos. *Revista Reverte*. Revista de Estudos e Reflexões Tecnológicas da Fatec. Indaiatuba. v. 6, 2008, p.1-7.

BRASIL. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, 2000. Disponível em: : http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 25 de jul. 2018.

CELANI, M. A. et al. *The Brazilian ESP Project: an evaluation*. São Paulo: Educ, 1988.

COTTON, D; FALVEY, D; KENT, S. *Market Leader. Pre-Intermediate Business English*. Course Book with Multi-Rom - Audio CD New Edition. Longman / Pearson Education, 2012.

LE BOTERF, G. *A Razão de Ser do Profissionalismo. Desenvolvendo a Competência dos Profissionais*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. Cap. 1, p. 15-35.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão. *In Patio*. Revista Pedagógica. Porto Alegre. n.17, Maio-Julho, 2001.

SCHAFF, Adam. *Linguagem e Conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1974.